

LUÍS PORTELA

SERENAMENTE

NÃO-FICÇÃO • ESPIRITUALIDADE

Índice

Pela Verdade (<i>à guisa de introdução</i>)	7
Serenamente	11
Do egoísmo ao universalismo	13
Pelos touros	17
Ler o pensamento	21
Álvares Cabral	25
Construir o caminho.....	29
Tratado antiminas.....	33
O novo Guggenheim.....	37
Os próximos vinte anos.....	41
Mediunidade	45
86 400 segundos	49
Camões	53
Personalidade	57
Sensação cósmica	61
Desenvolvimento económico	63
Capacidade de intervenção.....	67
Meditação	71
Corrida de fundo	75

Eça	79
Fátima: nunca mais?	81
Cidade de contrastes	85
Sem fronteiras	89
Sete mil milhões	93
Parapsicologia	97
Inquietações de Natal	101
Minutos de sabedoria	105
Resende	107
O sexto sentido.....	111
A arte em 1900	113
Estatutos de todos os seres humanos.....	115
Teoria das supercordas.....	117
Perdão	119
Reconciliação	121
Vivências excepcionais	123
Bandarra	127
Unidos na diversidade.....	131
Rasteira de amigo	133
Uma Escócia europeia.....	137
Radiosa cegueira	141
Escolha responsabilizante	145
<i>Maururu</i>	149
Menino-prodígio	153
«Big Brother»	157
Unificação planetária	161
Construir a paz.....	165
Jesus em entrevista.....	169
Evidências	173
Vida	177

Pela Verdade *(à guisa de introdução)*

Uma análise serena da presença do ser humano à superfície da Terra leva-nos a admitir que tem sido desprezado um enorme potencial de realização, por parte daquele que se autoproclama o ser mais evoluído do planeta.

Ao convivermos com os índios da selva amazónica, ficamos admirados como aqueles seres ficaram para trás no tempo, ignorando na generalidade a evolução tecnológica, a qual, mais cedo ou mais tarde, os irá envolver.

Ao visitarmos a África profunda, e mesmo muitas das cidades desse continente, percebemos que a grande maioria daquelas pessoas não teve nem tem as mesmas oportunidades de que muitos outros povos dispõem. Mas, mais cedo ou mais tarde, irão tê-las e aprender a aproveitá-las.

Quando deambulamos pelo interior da China, acreditamos que os chineses estão a viver uma fase de desenvolvimento acelerado que os está a aproximar dos povos materialmente mais evoluídos, o que ainda vai demorar umas décadas, pelo menos.

Debruçando-nos sobre a cultura europeia, apercebemo-nos de um certo entorpecimento místico-religioso, mais evidente

nos povos do sul, e uma embriaguez pela rendibilização material dos recursos, talvez mais notória nos povos do norte. Mas, sem dúvida, há muito de bom e bonito por realizar, em benefício dos europeus e da generalidade dos habitantes do planeta. Parece que a cultura de tolerância e a progressiva unificação de interesses serão uma boa plataforma para a realização dos mais belos ideais.

Perante a realidade norte-americana, dá que pensar um certo abdicar de um superior «um por todos e todos por um» — que serviu de base à construção dos EUA —, em prol de um menos evoluído «cada um por si». Não acreditando na regressão evolutiva dos povos, admite-se que se tenha evidenciado no último século um ainda primitivo egoísmo, que deverá dar lugar, progressivamente, à real defesa do interesse coletivo norte-americano e, no futuro, dos superiores interesses da Humanidade.

Mas, um pouco por toda a parte, podemos encontrar situações efetivamente perturbadoras da normal evolução da Humanidade. Como analistas imparciais, notamo-las facilmente e emitimos opiniões desembaraçadas. Enquanto atores da vida real, temos dificuldade em identificá-las e em vencê-las.

Seleciono apenas duas: a mentira e o individualismo.

Como a vida na Terra poderia ser diferente se os homens aprendessem a corrigir a mentira em que se habituaram a viver. Desde as pequenas mentiras do dia-a-dia, passando pelas grandes vigarices da vida material, até aos enormes embustes da vida espiritual. Como a assunção da Verdade poderia proporcionar ao ser humano um outro equilíbrio, uma outra satisfação e uma outra capacidade de realização e de real progressão!...

E se os seres humanos aprendessem a abdicar da perspetiva individualista, passando a verem-se e a sentirem-se como uma real partícula de um coletivo terreno e, para além disso, do Todo? Se cada um de nós aprendesse a assumir-se em comunhão com todas as outras partículas do Universo, focando

em si todas as potencialidades do Todo? Como poderíamos viver harmoniosamente, em sintonia com os interesses do Todo, sendo afinal iguais a nós próprios, ao realizarmos a experiência de sermos tudo aquilo que, de facto, somos: tudo.

Quando cada um de nós for capaz de vencer a mentira e o individualismo, estaremos num mundo melhor, certamente mais desenvolvido, provavelmente mais equilibrado e naturalmente mais evoluído.

Por tudo isso, talvez seja imprópria e prejudicial a asserção de que o ser humano é muito evoluído e autor de grandes realizações. Afinal temos abdicado de fazer tantas coisas belas e úteis e ainda temos tanto para progredir!...

Sendo próximo de impossível libertar depressa o mundo da mentira e do individualismo, o que certamente demorará muitas gerações, talvez seja possível pelo menos algumas pessoas conseguirem assumir rapidamente, e em definitivo, a Verdade e o Amor.

Se cada um de nós que escreve ou lê estas palavras desenvolver, pelo menos a partir de agora, o necessário esforço para assumir em si os valores da Verdade e do Amor Universais, estará certamente a criar condições para a sua realização e a dar um contributo valioso para a real progressão da Humanidade.

Serenamente

Durante uma estadia de alguns dias em Londres, ofereceram-me um livro do médico australiano Paul Wilson com o título *The Little Book of Calm*. Ao lê-lo fui relembrando ideias bonitas, conselhos úteis, perspectivas corretas, e ponderando que as múltiplas solicitações da vida nos tendem a envolver, fazendo-nos focar a atenção e gastar o tempo em coisas secundárias, por vezes até banais, desinteressantes ou inúteis.

Chegou até a ser curioso viajar no metro a transbordar de gente com ar preocupado, tenso, aborrecido ou descuidado e ler: «A mais importante regra para mantermos a calma é não perder o sono com pequenos problemas. A segunda regra mais importante é ser capaz de considerar todos os problemas como pequenos.» Passar em Oxford Street, com todo o seu aparato comercial, no meio de milhares de pessoas afadigadas em fazerem as suas compras, enquanto ainda meditava no que tinha acabado de ler: «Reconheça a diferença entre ter e ser.» Sentar-me a fazer uma refeição num restaurante de comida rápida, com música estridente, repleto de gente que berra entre si para se conseguir ouvir, depois de ter lido: «Procure ter pensamentos calmos. Procure viver em cenários

de calma. Procure ouvir sons calmos. E saboreie o prazer que estiver a sentir...»

Parece que a humanidade tem andado algo distraída, hipervalorizando as sensações fortes, interligadas ao ter e ao usufruir da matéria. Mas a insatisfação é evidente. As pessoas percebem que essa não é a via para a sua realização, para a sua felicidade. Por isso procuram outras coisas, como o pequeno livro da calma do Dr. Paul Wilson, que já vendeu mais de dois milhões de exemplares.

Por isso parece ter chegado a altura de aprendermos a construir um mundo mais sereno, mais harmonioso, mais livre, mais autêntico, em que a concepção existencial de que cada um de nós se tem de comportar bem porque isso é obrigatório e legalmente imposto, irá ceder lugar à concepção de que cada ser humano sentirá a liberdade e a responsabilidade de fazer bem e de fazer o bem porque isso lhe dá prazer, porque isso o faz sentir feliz e, simultaneamente, espalha felicidade à sua volta.

Um mundo em que o rebuliço e o *stress* sejam superados pela calma, em que o ter vá cedendo lugar ao ser, em que o aparente vá sendo substituído pelo real, em que os valores episódicos sejam ultrapassados pelos valores universais, em que a verdade dê a verdadeira dimensão à vida.

Como diz Paul Wilson, cada um de nós pode «saborear momentos de paz e serenidade em qualquer altura e em qualquer lugar... mesmo nas situações mais difíceis». Há que aprender a manter o pensamento positivo — religando-se ao que é superior —, a que se seguirão a expressão controlada e a atitude correta. Pelo prazer de pensar bem. Pelo prazer de fazer bem. Pelo prazer de fazer o bem. Serenamente...

Do egoísmo ao universalismo

Uma análise mais aprofundada da História Universal parece levar-nos a concluir que os seres humanos têm vindo a desenvolver um crescente respeito e um maior sentido de solidariedade entre si.

A benevolência está institucionalizada como virtuosa e o apoio solidário tem evoluído, de um sentido caritativo mais aparente e incentivador da indolência e do comodismo, para ações discretas, mas firmes no sentido de auxiliar o próximo a libertar-se dos problemas por aprender a superá-los por si, pelo seu esforço, pelo seu mérito próprio.

É relativamente elevado o número de pessoas que se vai dedicando a apoiar o próximo com compreensão, prestimosidade e espírito de renúncia, ajudando crianças desamparadas ou idosos desfavorecidos, socorrendo enfermos, promovendo a recuperação de viciados ou marginais, ou, simplesmente, amparando desinteressadamente o semelhante, seja familiar, amigo, desconhecido ou até inimigo.

E vai-se acentuando a consciência de que o verdadeiro humanista é desinteressado, nada pedindo e nada aceitando em troca do seu esforço de colaboração, feito apenas por amor ao próximo.

Cada ser humano vai-se identificando como uma partícula do Todo, participando ativamente na Vida e percebendo que a felicidade está — em crescendo — naquilo que se realiza construtivamente em prol do Todo. Talvez numa fase inicial sendo útil a si próprio, depois aos que estão perto de si, depois útil à Humanidade em geral e mesmo ao Todo. A solidariedade traz consigo uma irradiação de felicidade contagiante e incentivadora de progresso material e, sobretudo, espiritual.

Ao egoísmo sucedeu o humanismo. E a este está já a seguir-se o universalismo. O respeito pelo Todo e por todas as suas partículas vai levando o ser humano a inverter a sua postura terrena de destruição animal e vegetal. O desenvolvimento do sentimento de Harmonia Universal vai levando os seres humanos a, cada vez mais, procurarem viver, deixarem viver e apoiarem a vida em todas as suas formas. Progressivamente, um já significativo número de pessoas vai admitindo que quanto mais fraco e desprotegido, mais o ser (de qualquer reino da Natureza) merece a nossa atenção, a nossa solidariedade e o nosso respeito.

Os animais considerados irracionais, pela fase evolutiva em que se encontram, não tecem artifícios nem elaboram capas que possam camuflar a sua verdadeira natureza anímica. Apresentam-se em geral naturalmente puros, expostos e desprotegidos, pela sua falta de preparação e inocência. Assim se podem desenvolver com eles comunicações de ordem subjetiva, mas intensas e duradouras, permitindo estabelecer verdadeiros e fortes laços de afeto.

Assim têm surgido os mais diversos movimentos defensores da vida animal e do não sacrifício gratuito de qualquer ser. E o homem comum vai-se afastando das atitudes de crueldade para com os animais, parecendo evidente que, à medida que o ser humano vai desenvolvendo a sua capacidade afetiva e de sensibilização à dor alheia, essas práticas vão desaparecendo, até que um dia se extinguirão.

Em paralelo, a prática arbitrária, gratuita ou sofregamente egoísta de destruição de espécies vegetais, vem também sendo

criticada e, lentamente, abandonada pela humanidade. Os movimentos ecologistas e ambientalistas pugnam por valores que vão sendo assimilados progressivamente pelas populações, notando-se a crescente abstenção da destruição gratuita e o desenvolvimento do que se pode chamar Amor por todas as partículas do Universo.

Do egoísmo destruidor se passou ao humanismo respeitador e se vai passando ao universalismo de Amor. Faz-se jus à Harmonia Universal.